

AGENOR SOARES DE MOURA E A TRADUÇÃO NO BRASIL DOS ANOS 40 DO SÉCULO XX¹

Luciana Maia Borges
Maria Clara Castellões de Oliveira

Introdução

O presente trabalho é resultado de pesquisas realizadas no âmbito do projeto “Traduções Literárias: Jogos de Poder entre Culturas Assimétricas”, desenvolvido no contexto do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários e do Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês da Universidade Federal de Juiz de Fora. Ele tem por objetivo abordar a crítica da tradução tal como realizada por Agenor Soares de Moura no jornal *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, nos anos 40 do século XX, um momento de efervescência da tradução no Brasil. Para esse fim, ele se valerá da compilação das crônicas publicadas por Moura no referido jornal, realizada por Ivo Barroso e publicada pela Editora Arx, em 2003, com o título de *À margem das traduções*. Pretende-se, outrossim, avaliar a prática tradutória de Moura à luz de suas posturas críticas. Para tanto, será analisada a tradução do conto do escritor britânico Sir Arthur Conan Doyle, “The adventure of the illustrious client”, que recebeu o título de “O cliente ilustre”. O conto original faz parte de uma coletânea de histórias acerca do personagem Sherlock Holmes, publicada em 1927, com o título de *The case-book of Sherlock Holmes*. A tradução desse livro para o português do Brasil coube a Moura e foi intitulada *Histórias de Sherlock Holmes*. A sua publicação foi feita pela Editora Melhoramentos, em data não identificável.

¹ Este trabalho, escrito em parceria, é uma versão adaptada para artigo da monografia de final do curso de Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês da Universidade Federal de Juiz de Fora, defendida em julho de 2007 e realizada pela aluna Luciana Borges Maia sob orientação da Profa. Maria Clara Castellões de Oliveira. Durante o período de consecução dessa monografia a aluna recebeu bolsa de Iniciação Científica do CNPq. Versões dessa monografia foram apresentadas no IV Congresso Internacional de Tradução e Interpretação (CIATI), promovido pelo Centro Universitário Ibero-Americano – UNIBERO, em São Paulo, em maio de 2007, e no Simpósio “Tradução: Discursos, Linguagens, Cultura”, da XV Semana de Estudos Anglo-Germânicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em outubro de 2007.

Agenor Soares de Moura (1901-1957) nasceu e morou durante quase toda a sua vida em Barbacena, Minas Gerais. Apaixonado por línguas, foi professor de português do ensino médio, tendo também se bacharelado em Direito. A sua vinculação ao *Diário de Notícias* deu-se praticamente por acaso. Em setembro de 1944, o Suplemento Literário do *Diário*, por iniciativa de Raul Lima, jornalista, tradutor e redator-chefe deste jornal, e de Guilherme Figueiredo, teatrólogo e diretor desse caderno, convidou seus leitores a ajudarem a melhorar o nível das traduções, denunciando erros e infidelidades ao compará-las com o original. Moura foi um dos primeiros a atender o chamado. Seus comentários, enviados à redação, começaram a ser publicados com o aviso de que se tratava das observações de “um modelo de leitor cuidadoso e estudioso de línguas” (Rónai apud Barroso, 2003: 10). Em pouco tempo, o Suplemento estaria com uma seção permanente, “À Margem das Traduções”, assinada pelas iniciais C. T. (Crítico de Traduções), pseudônimo usado por Moura. Essa seção perdurou até 1946. Em função dela, Moura foi contratado como tradutor pela Editora Globo, também de Porto Alegre.

A primeira tradução realizada por Moura foi o primeiro tomo da tetralogia de Thomas Mann, *José e seus irmãos*, feita diretamente do alemão e publicada em 1947. Além dessa, foi possível detectar outras quatro traduções de Moura publicadas pela Editora Globo: os três volumes restantes da obra de Mann, *O jovem José* (1948), *José no Egito* (1949) e *José, o provedor* (1951), e *História das grandes óperas e de seus compositores* — Volumes VI e VII (1957), de Ernest Newman, tradução feita em parceria com João Henrique Chaves Lopes. Verificou-se também a publicação de três traduções de Moura pela Editora Melhoramentos. Além da já mencionada *Histórias de Sherlock Holmes*, ele traduziu, para o mesmo selo, uma obra do explorador e arqueólogo norueguês Thor Heyerdahl, com o título de *A expedição Kon-Tiki e Aku-Aku*, e outra, de autoria do explorador norte-americano Victor W. von Hagen, cujo título dado em português foi *A América do Sul os chamava: exploração dos grandes naturalistas La Condamine – Humboldt – Darwin – Spruce*. A primeira obra foi traduzida em parceria com Raul de Polillo. Ambas não tiveram suas datas identificadas. Moura ainda traduziu um livro para a Editora de Ouro, de autoria de Armstrong Sperry: *Isto é coragem*, cuja data de publicação também não foi identificada.

O desvelamento de um importante momento da história da tradução no Brasil, propiciado pela análise das crônicas de Moura e de uma tradução por ele realizada, permitirá avaliar as diversas relações existentes nos contextos político, econômico e cultural brasileiros, assim como aquelas mantidas pelo governo nacional com países de língua inglesa, relações essas que fizeram com que a tradução passasse a ser uma importante fonte de modelação do sistema literário local. Nesse sentido, deve-se enfatizar a proficuidade, para fins deste trabalho, das considerações feitas por Itamar Even-Zohar acerca da posição da literatura traduzida em um polissistema literário (2001) e por Lawrence Venuti sobre os procedimentos de domesticação e estrangeirização adotados pelos tradutores (1995, 2002) e sobre os efeitos das críticas tradutórias humanistas e sintomáticas, vinculadas, respectivamente, a cada um dos procedimentos mencionados (1995). Pretende-se, dessa forma, que o presente trabalho contribua para um entendimento mais abrangente do ofício e do pensamento tradutórios em um dos principais momentos de sua evolução no Brasil — a década de 40 do século XX.

1. O olhar de Moura sob a tradução no Brasil nos anos 40 do século XX

As crônicas publicadas por Agenor Soares de Moura no *Diário de Notícias*, ao trazerem informações sobre autores, editoras, tradutores, temas de livros e línguas-fonte, fornecem subsídios para uma compreensão mais abrangente da situação da tradução no Brasil em meados da década de 1940; das relações que o sistema de literatura traduzida mantinha com o polissistema literário e os demais polissistemas que constituíam a cultura brasileira, e dos jogos de poder que contribuíram para o estabelecimento da língua inglesa como a principal língua de tradução no Brasil.

Como afirmou Lia Wyler em *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil* (2003), “até quase a metade do século XX a tradução escrita teve predominantemente o caráter de exercício acadêmico ou prazeroso e de ocupação temporária para as elites intelectualizadas” (p. 51). O *boom* da tradução nas décadas de 1930 e 1940 — ocorrido devido à grande importação de livros de ficção — e a falta de tradutores profissionais inteiramente dedicados a essa atividade foram responsáveis pelo fato de os escritores se tornarem uma opção natural por parte dos editores para o exercício de tal tarefa. Ao mesmo tempo, na medida em que era feito um alto investimento em

traduções por parte das editoras nacionais, era mais seguro que as mesmas tivessem a chancela de nomes já conhecidos do público-leitor. Ademais, deve-se levar em conta que, devido a restrições impostas pela censura que vigorou durante o Estado Novo, determinadas principalmente pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado por Getúlio Vargas em 1939, muitos escritores se sentiram mais confortáveis exercendo a atividade tradutória do que se arriscando a assinarem textos escritos originalmente por eles.

Um levantamento feito a partir das crônicas de Agenor Soares de Moura revelou que uma parte considerável dos tradutores em atuação no mercado editorial nacional na década de 40 do século XX — aproximadamente 46% deles — eram escritores. Na opinião de Moura, não competia aos mesmos a produção de traduções. Na verdade, ele acreditava, como Eduardo Frieiro, escritor mineiro a quem citou em uma de suas crônicas, que “muitas traduções são confiadas por editores incautos a escritores de nome feito nas letras. Tais traduções costumam ser as piores. Porque para ser tradutor não basta ser bom poeta ou bom romancista” (Frieiro, apud Moura, 2003: 32). Além disso, Moura se colocou contra o fato de o escritor emprestar seu nome a uma tradução quando, na verdade, ela teria sido realizada por outrem. Segundo ele, muitas vezes a atuação do escritor teria se restringido, quando muito, à revisão da tradução publicada.

O fato de vários escritores terem exercido de forma assídua a profissão de tradutores e de, muitas vezes, a qualidade das traduções ter deixado a desejar deveu-se, também, à não profissionalização do ofício tradutório na época, já que os cursos universitários especializados na arte da tradução só passaram a existir na década de 1960 (o primeiro curso para tradutores no Brasil foi fundado em 1968, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) e pouco se falava sobre técnicas tradutórias ou sobre a responsabilidade do tradutor ao trazer para uma cultura certa obra estrangeira.

Outra consideração relevante suscitada pela avaliação das crônicas de Moura diz respeito ao sexo dos tradutores. A maioria dos tradutores citados por Moura pertencia ao sexo masculino: entre os 48 tradutores mencionados, 40 eram do sexo masculino e apenas oito eram do sexo feminino. Tais números refletem a realidade brasileira da época: as mulheres ainda não estavam inseridas de forma expressiva no mercado de trabalho, tampouco era comum que fizessem parte do grupo seleta de intelectuais existentes na época (entre as oito tradutoras citadas, duas apenas eram escritoras). Foi justamente na década de

1940 que a mulher começou a se estabelecer como escritora e tradutora, sendo importante citar o papel que teve Rachel de Queiroz no contexto literário brasileiro. Nascida em 1910, com seu primeiro romance publicado em 1930, destacou-se como escritora e tradutora na década de 1940, conseguindo uma posição respeitável no meio literário e tornando-se uma figura importante para a inserção da mulher em tal contexto. A partir de 1939, ano em que se mudou para o Rio de Janeiro, e por um longo período desde então, Rachel de Queiroz, como Moura, colaborou com o *Diário de Notícias*.

As editoras que tiveram o maior número de tradutores citados nas crônicas escritas por Moura foram a Casa Editora Vecchi, seguida da Livraria do Globo, da Livraria José Olympio e da Livraria Martins. Tais editoras foram as mesmas mencionadas por Sergio Miceli em tabela presente no livro *Intelectuais à brasileira* (2001). Nessa tabela, Miceli aponta para o fato de que a José Olympio, a Globo e a Vecchi publicaram no ano de 1943 um número maior de traduções do que de autores nacionais. Por volta de 53% das publicações da José Olympio nesse ano foram de livros traduzidos (43 obras traduzidas e 38 obras nacionais); a Globo lançou traduções em uma proporção de 60% para 40% de livros nacionais (41 livros traduzidos contra 27 nacionais), e no ano anterior a porcentagem foi ainda maior, 66% de suas publicações foram obras traduzidas (44 traduções e 24 livros de autores nacionais). Por fim, a Vecchi imprimiu apenas uma obra nacional para cada lote de onze traduções, ou seja, 91% de seus volumes editados tratavam-se de traduções. Nesse período, a Livraria Martins teve um número de obras traduzidas e de obras nacionais semelhante ao da Cia. Editora Nacional (Miceli, 2001: 266). Dessa forma, no contexto do polissistema literário brasileiro, a literatura traduzida ocupou em vários momentos dos anos 40 do século XX a posição primária, uma vez que o número das publicações de obras traduzidas ultrapassou o de obras nacionais, tendo a tradução se tornado o maior foco de atenção por parte das editoras e do público-leitor.

A categorização das línguas-fonte das obras traduzidas analisadas por Moura apontou para o fato de que, na década de 1940, a língua inglesa assumiu definitivamente o centro do polissistema de literatura traduzida no Brasil. A maioria das traduções criticadas por Moura foi feita a partir do original em inglês: foram 38 autores de língua inglesa, 11 de língua francesa, dois de língua alemã e apenas um autor de língua espanhola e italiana; ou seja, aproximadamente 71,5% dos autores citados por Moura eram provenientes de culturas

de língua inglesa, 22,5% de língua francesa e somente 6% eram autores das línguas restantes. Dessa forma, conclui-se que, em meados da década de 1940, o francês já havia dado seu lugar para o inglês no centro do sistema de literatura traduzida no Brasil.

Os livros de aventuras, romances policiais, histórias de amor, biografias romanceadas, etc. — chamados de gêneros “menores” — faziam um grande sucesso entre o público-leitor na década de 1940 e se tornaram um investimento rentável para os editores no Brasil (Miceli, 2001: 147). A preferência por esses gêneros tem explicação no fato de que a população pertencente às classes mais baixas passou a ter maior acesso à leitura, devido a resultados de políticas empreendidas na era Vargas, entre as quais merecem menção a diminuição da jornada de trabalho para 40 horas semanais e a queda da taxa de analfabetismo. O fato de esse tipo de literatura ser proveniente majoritariamente da cultura estadunidense propiciou a entrada de diversos livros daquele país no Brasil. Simultaneamente a isso, a eclosão da Segunda Guerra Mundial impôs sérias restrições às importações vindas do continente europeu. Somando-se a esses fatores, após a crise de 1929 e as conseqüências que vinham surgindo da guerra, os Estados Unidos passaram a ocupar uma posição dominante no contexto do sistema capitalista global, o que foi determinante para a substituição da predominância da língua de cultura francesa para a inglesa (Miceli, 2001: 147). Observa-se, pois, que essa preponderância de textos da língua inglesa ocorrida a partir da década de 1940 e, conseqüentemente, no período em que Moura escreveu para o *Diário de Notícias*, se deveu a acontecimentos ocorridos nos âmbitos nacional e mundial, e não de forma aleatória.

Na década de 40 do século XX ainda eram freqüentes as traduções indiretas. Moura citou o francês e o espanhol como os idiomas mais utilizados como ponte entre o português e línguas estrangeiras menos conhecidas no país, como o russo. Segundo ele, traduções como essas são as mais sujeitas a incorrerem em “inexatidões” e “erros” de interpretação, pois há sempre uma redução do conteúdo significativo, já que são feitas a partir de outras traduções em outras línguas e não do texto original.

2. As posturas de Moura como crítico

A abordagem da crítica tradutória de Agenor Soares de Moura será feita à luz do pensamento de Lawrence Venuti (1995) sobre a leitura sintomática. Para esse intelectual

estadunidense, os princípios que regem a análise de uma tradução devem ser válidos também para a análise da crítica de uma tradução. Nesses termos, não se pode avaliar a tradução e a sua crítica sem que se leve em consideração os contextos espacial e temporal em que o objeto de análise foi erigido.

Venuti, em livro trazido a público em 1995, *The translator's invisibility: a history of translation*, criticou o modo como as traduções tinham sido feitas até então no contexto anglo-americano: traduções fluentes, transparentes, que causavam a impressão aos leitores de que o que estavam lendo havia sido escrito originalmente em sua própria língua. Segundo esse autor, os parâmetros de julgamento da qualidade dessas traduções, nesse momento, se pautaram exatamente naqueles que as condicionaram. A tradução era vista como Norman Shapiro a descreveu: “como a tentativa de produzir um texto que seja tão transparente que não pareça que tenha sido traduzido. Uma boa tradução é como uma vidraça. Você só nota que está lá quando há pequenas imperfeições — arranhões, bolhas. Idealmente, não deveria haver nenhuma. Ela nunca deveria chamar atenção para si mesma”. (Shapiro, apud Venuti, 1995: 1)².

Porém, Venuti mostrou ter uma opinião diferente sobre o assunto, ao dizer que:

A ilusão da transparência é um efeito do discurso fluente, da tentativa do tradutor de garantir uma fácil leitura ao aderir a um uso corrente, mantendo uma sintaxe contínua, dando um significado preciso. O que é tão notável aqui é que tal efeito ilusório esconde as numerosas condições sob as quais a tradução foi feita, a começar pela crucial intervenção do tradutor no texto estrangeiro. Quanto mais fluente a tradução, mais invisível o tradutor e, como se pode presumir, mais visível o autor ou o significado do texto estrangeiro. (p. 1-2)

Segundo ele, nos contextos britânico e estadunidense, sobre os quais ele falou especificamente no livro, isso se torna visível a partir da leitura de resenhas literárias em jornais e periódicos. Nos últimos cinquenta anos, tinha sido uma prática constante por parte dos críticos louvar a fluência em traduções e condenar desvios que chamam maior atenção para o texto estrangeiro em si, mesmo quando as mais diferentes obras são consideradas. Muitas vezes, os comentários acerca da tradução eram focados apenas no estilo. Dessa maneira, eram negligenciadas outras possíveis questões, tais como exatidão, o público-alvo,

² As traduções de Venuti (1995) foram feitas pelas autoras do trabalho.

seu valor econômico no mercado livreiro atual, sua relação com as correntes literárias do idioma da língua-meta e seu lugar na carreira do tradutor (p. 2).

Venuti esclareceu que esses tipos de traduções fluentes, às quais ele chamou de domesticantes, impedem o encontro entre duas culturas, a aprendizagem com o outro, o diferente. Nesse sentido, ele criticou Eugene Nida por defender tais tipos de traduções, pois elas parecem “menos uma troca de informação do que uma apropriação de um texto estrangeiro para propósitos domésticos” (p. 21-22). Portanto, para Venuti, traduções que causam uma sensação de estranheza no leitor e que possuem expressões aparentemente artificiais podem vir a ser enriquecedoras, pois chamam a atenção para o texto estrangeiro em si, não tentando ocultar o fato de que se trata de uma obra vinda de outro lugar no qual a cultura, a língua e os costumes são diferentes.

Um problema mais grave seria que a cultura anglo-americana — incentivada pelas editoras britânicas e estadunidenses que lucram ao imporem seus valores culturais sobre um vasto público estrangeiro e que, ao mesmo tempo, incentivam traduções domesticantes em seus países — tornou-se agressivamente monolíngüe, não receptiva ao estrangeiro, acostumada a traduções que colocam seus próprios valores em obras estrangeiras, dando assim aos leitores a experiência narcisística de reconhecerem sua própria cultura em uma cultura outra (p. 15-16).

Para Venuti, a tradução não pode ser julgada de acordo com a noção de erro lingüístico, até porque tais parâmetros de erro, fidelidade e liberdade variam de acordo com o momento histórico, cultural e social em que uma tradução específica foi produzida (p. 18). É importante, assim, considerar o poder que a tradução tem na construção de identidades nacionais. O modo como a tradução é feita, a própria escolha de se produzir aquela tradução específica, a forma como é publicada, criticada e ensinada têm um papel fundamental na manutenção e revisão dos cânones na cultura da língua-meta (p. 19). Daí a importância de se perceber se as traduções são domesticantes ou estrangeirizantes, pois tal escolha por parte do tradutor e daqueles que patrocinam seus trabalhos tem papel importante no contexto cultural para o qual se destinam.

A tradução domesticante se apropria de culturas estrangeiras para que estas se amoldem aos assuntos domésticos, culturais, econômicos e políticos do sistema de recepção, fornecendo a falsa impressão de homogeneidade e alimentando o etnocentrismo

daquela cultura. Uma tradução estrangeirizante, ao contrário, é aquela que causa estranheza aos que a lêem, que se desvia das normas locais, fazendo com que o leitor se volte para realidades que lhe são outras e ressaltando as diferenças culturais (p. 20). O objetivo de Venuti ao defender a tradução estrangeirizante, em suas palavras, é “desenvolver uma teoria e prática que resista aos valores culturais dominantes da língua-meta, bem como mostrar a relevância da diferença cultural e lingüística do texto estrangeiro” (p. 23).

Para Venuti, a estrangeirização pode mudar o modo como a tradução é lida e produzida, pois assume um conceito de subjetividade humana muito diferente das suposições humanistas que se encontram escondidas sob a domesticação. No método de leitura humanista, as descontinuidades do texto ficam escondidas, utilizando-se de valores da cultura da língua-meta e enfatizando a inteligibilidade e a comunicação transparente. Se, por outro lado, prevalecesse um método de leitura sintomática, que “localiza as descontinuidades no nível da dicção, da sintaxe ou do discurso, o que revela ser a tradução uma violenta reescritura do texto estrangeiro, uma intervenção estratégica na cultura da língua-meta, ao mesmo tempo dependente e abusiva de valores domésticos” (p. 24-25), tal tipo de leitura poderia ser útil para desmistificar a ilusão que se tem de transparência nas traduções contemporâneas de língua inglesa.

Venuti ressaltou que as traduções estrangeirizantes não deixam de ser, assim como em qualquer tradução, igualmente parciais na interpretação do texto estrangeiro; a diferença estaria no fato de que, enquanto estas mostram a sua parcialidade, as traduções domesticantes tentam escondê-las (p. 34). Venuti enfatizou que uma leitura sintomática não iria banir de vez idéias de liberdade ou erro na tradução, mas mostraria que tais noções variam de acordo com o cânone e seu conceito de exatidão. Tal cânone, é válido notar, é culturalmente específico e historicamente variável (p. 37). A leitura sintomática é, portanto, fundamentalmente historicista, em contraposição à leitura humanista:

A leitura sintomática é uma abordagem historicista aos estudos da tradução que visa situar os cânones de exatidão em seus momentos culturais específicos. Categorias críticas como “fluência” e “resistência”, “domesticante” e “estrangeirizante” somente podem ser definidas através da referência à formação de discursos culturais em que a tradução é produzida e na qual certas teorias e práticas da tradução são mais valorizadas que outras. Ao mesmo tempo, entretanto, aplicar tais categorias críticas no estudo das traduções é anacrônico: elas são fundamentalmente determinadas pelas prioridades culturais e políticas no presente, uma oposição à dominância contemporânea do discurso transparente, ao privilégio dado ao método domesticante e fluente que mascara tanto o trabalho do tradutor como as relações

assimétricas — culturais, econômicas e políticas — entre as nações de língua inglesa e os outros países do mundo. Apesar de a teoria e a prática humanista serem igualmente anacrônicas, inserindo no texto de língua estrangeira valores domesticantes atuais, elas também são não-historicistas: as várias condições dos textos traduzidos e sua recepção são escondidos por trás de conceitos de subjetividade transcendental e comunicação transparente. Uma leitura sintomática, em contraste, é historicista: ela assume um conceito de subjetividade determinada que expõe tanto a violência etnocêntrica da tradução como a natureza do interesse de sua própria abordagem historicista. (p. 38-39)

A análise das considerações feitas por Agenor Soares de Moura acerca das traduções que ele criticou permitiu que se percebesse que, para ele, a tradução deveria ser escrita de forma corrente e de fácil compreensão na língua-meta. Elementos típicos da cultura estrangeira, que causariam estranhamentos no leitor do país da língua-meta, deveriam ser evitados. Para isso, o tradutor teria que fazer um trabalho extremamente cuidadoso, pesquisando os vários significados possíveis das palavras, evitando transcrever os modos de dizer típicos do país da língua-fonte e tentando tornar a leitura a mais natural possível. É precisamente quando o tradutor não toma tais cuidados que Moura afirma ter ele sido muito servil à língua-fonte, ou ter cometido “traições” à obra de partida, ou ainda ter incorrido em “erros”, já que o objetivo da tradução seria encontrar significados equivalentes na língua-meta e escrevê-los de forma que o texto não chamasse atenção para a sua origem alienígena.

A partir das críticas feitas a Monteiro Lobato, foi possível observar que Moura se colocava contrário ao outro extremo da tradução — as chamadas adaptações — devido ao fato de elas se distanciarem muito do texto original. Segundo o crítico, as traduções não deveriam deixar completamente de lado o material da língua-fonte, o qual, nos casos das adaptações, torna-se apenas uma fonte de inspiração e consulta para se produzir um outro texto. Lobato publicou adaptações de livros para o público infanto-juvenil de autores como Rudyard Kipling e Hans Staden e, mesmo quando traduziu livros para um público mais adulto, suas traduções se pautaram por escolhas mais “livres”, ou seja, não se mostraram muito apegadas ao texto original, revelando a escrita e o estilo do tradutor e a idiomática da língua da cultura de chegada. As traduções de romances de Ernest Hemingway, evitados de construções curtas e simples, por exemplo, apontam para o privilégio, por parte de Lobato, de construções mais rebuscadas e elaboradas (cf. Mendes, 2002, e Campos, 2004). Isso explica o motivo pelo qual o criador do *Sítio do pica-pau*

amarelo fora alvo de tantas críticas por parte de Moura, já que ambos tinham opiniões divergentes quanto até que ponto uma tradução podia se distanciar do texto de partida para se produzir um texto que atendesse às necessidades da língua-meta.

Observou-se, portanto, que o objeto principal de análise por parte de Moura foi o texto, não tendo havido tentativas de justificar e analisar as escolhas tradutórias em função do novo ambiente cultural em que determinada tradução se inseria. Esse tipo de postura remete a teorias de bases lingüísticas, que tiveram Georges Mounin e John Catford como dois de seus principais representantes teóricos. Mounin (1975), assim como a maior parte dos lingüistas que teorizaram sobre a tradução entre as décadas de 50 e 60 do século XX, acreditava que as línguas possuíam formas diversas de enxergar o mundo — daí o fato de elas serem tão divergentes. Em sua opinião, caberia ao tradutor encontrar a maneira mais clara possível em que o falante da língua-meta expressaria o conteúdo da língua-fonte, de modo que a tradução se colocaria como a substituição de material textual da língua-fonte por material textual equivalente na língua-meta, lembrando o conceito de tradução de Catford, em *Uma teoria lingüística da tradução: um ensaio de lingüística aplicada* (1980).

Na época de Moura ainda não haviam sido levantadas questões tais como as relações de poder existentes no contexto da tradução que determinarão o que vai ser traduzido e os procedimentos tradutórios adotados (cf. Even-Zohar, 2001); a importância da consciência do tradutor e do crítico da tradução da relevância do conhecimento da função que determinado texto vai exercer em seu novo contexto (Reiss, 2000), e o papel da tradução na formação da identidade cultural da língua-fonte e da língua-meta (Venuti, 2002), que, a partir do final dos anos 70 do século XX, foram defendidas como requisitos primordiais para a realização e a crítica de traduções. Devido a isso, Moura, inserido no contexto da década de 1940, tecia suas reflexões focadas em um nível principalmente lingüístico. Conseqüentemente, aquelas traduções que faziam uso constante do método palavra-por-palavra, que hoje se aproximariam das traduções estrangeirizantes, eram duramente criticadas.

3. A prática tradutória do crítico de traduções

A tradução de *The case-book of Sherlock Holmes*, de Conan Doyle, com o título de *As histórias de Sherlock Holmes*, por Agenor Soares de Moura, foi de grande importância

no contexto em que foi publicada, não apenas por se tratar de uma obra escrita em inglês, idioma que passou a ser definitivamente a principal língua de tradução no Brasil a partir da década de 1940, como também por fazer parte de um gênero pouco conhecido do público-leitor brasileiro, o detetivesco, que Moura, dessa forma, ajudou a difundir.

No cotejamento entre o original e a tradução de uma das histórias que compõe o referido livro, “The adventure of the illustrious client”/ “O cliente ilustre”, percebe-se que Moura optou por utilizar uma linguagem mais rebuscada, diferente da linguagem cotidiana. Tal idéia condiz com a concepção da época acerca da tradução e da literatura em geral. Tinha-se a visão da literatura como um espaço no qual deveria se usar uma linguagem distinta das demais, diferente da língua do dia-a-dia. Dessa forma, a tradução de Moura não foi servil à língua-fonte, pois fez uso dos modos de dizer comumente utilizados na literatura brasileira da época. Moura não só foi condizente com a concepção de literatura de seu tempo, como também o foi com sua própria concepção de tradução. Como já mencionado, o crítico não concordava com aqueles tradutores que se utilizavam do método palavra-por-palavra, não procurando construções mais comuns na língua portuguesa. Portanto, Moura procurou fazer com que sua tradução fosse natural e fluente para o leitor brasileiro. É possível verificar tais conclusões através da observação das seguintes frases retiradas do texto original, juntamente com as frases correspondentes na tradução:

‘It can’t hurt now,’ was Mr. Sherlock Holmes’s comment [...]. (p. 1)

- Já agora não pode fazer mal, disse Mr. Sherlock Holmes à guisa de comentário [...]. (p. 9)

[...] the day when my narrative begins. (p. 1)

[...] data que marca o início da presente narrativa. (p. 9)

I know no more than this message tells me. (p. 1)

Somente sei aquilo que está contido nessas linhas. (p. 9)

Colonel Sir James Damery was announced. (p. 2)

O Coronel Sir James Damery se fez anunciar. (p. 10)

A respeito do primeiro exemplo, “à guisa de comentário” se aproxima mais de uma linguagem literária, ao mesmo tempo em que se afasta da construção original do texto, já que uma tradução literal da passagem seria: “...foi o comentário de Sherlock Holmes”. Talvez Moura acreditasse que tal tradução ficaria muito servil ao original. Assim, se

também forem observados os demais exemplos selecionados, pode-se concluir que, provavelmente, o tradutor tenha procurado buscar na tradução formas que se aproximassem mais das construções próprias da literatura na sua língua materna.

Foi possível perceber que Moura evitava o uso de estrangeirismos, não os utilizando a não ser que se tratasse de nomes próprios e localizações, únicos casos em que são usados nomes estrangeiros em sua tradução, como por exemplo “Baker Street”, “Sir George Lewis”, “Mr. Sherlock Holmes”, “Northumberland Avenue”, “Miss Kitty Winter”, “Carlton Club”. A manutenção de tais nomes na forma inglesa permite que o leitor identifique que a obra e a história a que ela se dedica provêm de um ambiente estrangeiro. Tal atitude é condizente com a crítica de Moura, pois este considerava de grande importância fazer uma escolha consciente acerca da tradução ou da manutenção do nome próprio estrangeiro. Considerando que o personagem Sherlock Holmes era muito conhecido entre os leitores brasileiros e nenhum dos nomes citados na obra possuía uma tradução para o português, Moura manteve-os como no original, tal qual, em suas crônicas, aconselhava que se fizesse.

Moura também foi cuidadoso ao usar expressões com sentido semelhante ao original, quando neste era feito o uso de expressões idiomáticas. Para ilustrar tal fato, pode-se observar que, no conto de língua inglesa, o personagem Sir James Damery diz o seguinte:

I need not say that your fees will be assured and that you will be given a perfectly free hand. (p. 3)

Moura assim traduziu a passagem:

Não preciso dizer que os honorários do senhor estão garantidos e que o senhor terá carta branca no negócio. (p. 12)

Dessa forma, a expressão inglesa “*free hand*” pode ser compreendida pelo leitor brasileiro através da expressão “carta branca”, que, em português, possui um significado semelhante

ao do original, já que ambas são expressões utilizadas para dizer que alguém possui o direito ou a autoridade de fazer qualquer coisa que considere necessária.³

As exclamações contidas no original, usadas para demonstrar espanto, também foram traduzidas por expressões que denotam a mesma idéia, como se pode verificar através dos exemplos:

Dear me! (p. 5)
Que absurdo! (p. 13)

Why, Holmes [...]. (p. 18)
Ué, Holmes [...]. (p. 30)

As seguintes traduções, da mesma forma, transmitem significados semelhantes:

[...] a real aristocrat of crime with a superficial suggestion of afternoon tea. (p. 7)
[...] é um verdadeiro aristocrata do crime, com uns laivos de burguês. (p. 17)

If I can help to put him where he belongs, I'm yours to the rattle. (p. 10)
Se eu puder ajudar a mandá-lo para o lugar que ele merece, conte comigo enquanto eu tiver um sopro de vida. (p. 20)

You needn't go into my past, Mr. Holmes. That's neither here nor there. (p. 10)
Mr. Holmes, não é preciso que o senhor mexa no meu passado. Que adianta? (p. 20)

It wasn't hot air, either. (p. 11)
E não era apenas bravata. (p. 21)

No primeiro exemplo, Moura traduziu “*with a superficial suggestion of afternoon tea*” por “com uns laivos de burguês”. “*Afternoon tea*” corresponde ao lanche que se toma na parte da tarde, na Inglaterra, o que, geralmente, é uma xícara de chá com bolo ou biscoitos, ou seja, o chá da tarde. Porém, em português, dizer que o Barão Gruner, a quem a frase em questão se refere, tinha “uns laivos superficiais de chá da tarde”, certamente não faria algum sentido para o leitor brasileiro. Como tomar o chá da tarde constituía um costume entre as classes britânicas com um maior poder aquisitivo, possivelmente Moura

³ Os significados das palavras e expressões idiomáticas foram retirados dos dicionários *Longman Dictionary of Contemporary English*, *Cambridge Advanced Learner's Dictionary* e *The American Heritage Dictionary of the English Language*, citados nas referências bibliográficas.

entendeu que Sir Conan Doyle se referia a um burguês, o que, pelo contexto da obra, possui um maior significado para o leitor.

O segundo exemplo corresponde a uma fala da personagem Miss Winter, que dizia a Sherlock Holmes o quanto estava disposta a ajudá-lo a prender o Barão Bruner. *“I’m yours to the rattle”* é um idiomatismo. *“Rattle”* provavelmente se refere a *“death rattle”*, isto é, os sons produzidos pela pessoa que se encontra à beira da morte, por ter perdido o reflexo de tossir e por não haver passagem para a respiração devido ao acúmulo de mucos. Conclui-se daí que Miss Winter queria dizer a Mr. Holmes que ela se encontrava à sua disposição até a hora de sua morte. Desta maneira, compreende-se o porquê de Moura ter traduzido nesta passagem: “Conte comigo enquanto eu tiver um sopro de vida”.

Na mesma fala de Miss Winter, ela diz no original: *“That’s neither here nor there”*. Trata-se de outra expressão idiomática, usada para dizer que algo não é importante por não afetar um fato ou uma situação, ou seja, que algo é irrelevante. Daí a tradução pela expressão usada naturalmente no português: “Que adianta?”.

Mais adiante, a mesma personagem ainda diz *“It wasn’t hot air, either”*, ao comentar que o Barão Gruner não fazia ameaças por brincadeira. *“Hot air”* significa algo que uma pessoa diz com a intenção de impressionar, mas que não corresponde à verdade. Desta maneira, a tradução de Moura “e não era apenas bravata” explica o significado da expressão.

Tais exemplos mostram que Moura tinha grande preocupação em fazer com que a tradução estivesse mais próxima da língua portuguesa, também sendo para ele importante usar expressões com um sentido mais familiar ao leitor brasileiro. Em sua crítica, Moura defendia que o tradutor deveria, da forma mais fluente possível, imprimir, na língua-meta, a idéia que o autor queria transmitir em sua língua materna. Pode-se perceber, desta maneira, que tal intenção esteve presente na tradução aqui analisada.

Apesar de Moura se afastar do original ao buscar uma linguagem mais literária e expressões que fornecessem um sentido mais claro na língua-meta, o crítico e tradutor tentou, sempre que possível, manter a estrutura do original. Assim, foram observadas poucas omissões e adições, que apareceram somente quando necessárias para se obter um melhor entendimento do texto, como nas seguintes passagens, em que se encontram grifadas as adições:

Whatever he did went with me, same as with this poor fool! (p. 11)
 Guardei para mim o que ele fizera, *absolvendo-o de tudo* tal qual essa louquinha *de agora*.
 (p. 21, nosso grifo)

Lucky if I live the week. (p. 17)
 Diga-lhe que só por sorte eu passarei desta semana. (p. 28, nosso grifo)

This is the real egg-shell pottery of the Ming dynasty. (p. 19)
 Isto é a genuína cerâmica em casca de ovo, *trabalho verdadeiramente artístico* da dinastia Ming. (p. 30, nosso grifo)

[...] for I was nearly as well known by sight at the Yard as Holmes himself. (p. 24)
 [...] porque eu era quase tão bem conhecido de vista na *Scotland Yard* como o próprio Holmes. (p. 36, nosso grifo)

É válido observar que, no caso do último exemplo, tal adição era necessária para que ficasse claro que Watson estava se referindo ao escritório principal da polícia de Londres, já que no Brasil tal lugar não é conhecido apenas por “Yard”.

As omissões ocorreram principalmente por questões de estilo, para que a tradução não ficasse muito servil ao original. Seguem-se alguns exemplos de omissões no texto traduzido, estando elas grifadas nas passagens de língua inglesa:

Sir James begs to say that the matter upon which he desires to consult Mr. Holmes is very delicate. (p. 1, nosso grifo)
 Pede vênha para dizer que o assunto sobre o qual deseja consultar Mr. Holmes é muito delicado. (p. 10)

Is the game worth it? (p. 8, nosso grifo)
 Acha que vale a pena? (p. 17)

Couldn't you lay proofs before her silly eyes? (p. 11, nosso grifo)
 O senhor não podia por as provas diante dos olhos dela? (p. 20)

It would have been useless as well as foolish to do otherwise. (p. 24, nosso grifo)
 Seria inútil proceder diferentemente. (p. 36)

Na primeira passagem destacada, o sujeito foi omitido para que se evitassem repetições, já que ele havia sido mencionado na oração anterior. No segundo exemplo, é possível reparar que em português não era necessário, nem seria adequado, traduzir “*the*

game”, como está no original, pois a expressão em português que se usa é, de fato, como foi traduzida por Moura. Nas duas últimas orações, no entanto, não é possível encontrar justificativas plausíveis para a omissão dos trechos grifados, já que seria possível traduzir as passagens sem que se houvesse perda de material textual, como por exemplo: “O senhor não podia pôr as provas diante de seus olhos tolos?” e “Seria inútil, bem como insensato, proceder diferentemente”.

Por fim, não foram encontrados na tradução termos que não correspondessem àqueles do original, caso no qual Agenor Soares de Moura se referia como “inexatidões” ou “traições” cometidas pelo tradutor. Percebe-se, portanto, que Moura esteve muito atento no que se refere ao uso de palavras na tradução que possuíssem a mesma acepção das palavras no original. Tal fato comprova o zelo com que ele trabalhava e como, de fato, colocava em prática suas idéias e conceitos sobre o fazer tradutório. A qualidade de suas traduções foi, inclusive, salientada por Paulo Rónai, no prefácio do livro *À margem das traduções*. Nas palavras de Rónai, “Se eu tivesse de exemplificar as qualidades do tradutor ideal, reunidas num brasileiro, apontaria sem hesitação a pessoa de Agenor Soares de Moura” (Rónai, apud Barroso, 2003: 9). Mais adiante, Rónai ainda comentou que, ao ser publicada a primeira tradução de Agenor Soares de Moura, Raul Lima havia revelado que o tradutor do livro era o mesmo que assinava com o pseudônimo C.T. (Crítico de Traduções) no *Diário de Notícias*. Convidou, então, as “vítimas” das avaliações do crítico a acharem todos os erros que havia naquela volumosa obra, o primeiro tomo da tetralogia de Thomas Mann, *José e seus irmãos*. Rónai declarou o seguinte sobre o episódio:

Não me consta que alguém se tenha abalanchado a tarefa tão espinhosa, o que não me surpreende, pois, por incumbência da editora, tive ensejo de verificar, antes da composição, a qualidade excepcional do trabalho. Depois de publicado o livro, o confronto com o original levou o espírito culto de Sérgio Buarque de Holanda a declarar, sem hesitação, que “em matéria de tradução para o português, nada se fez até hoje de melhor”. (Rónai, apud Barroso, 2003: 12)

Considerações finais

Espera-se que este trabalho tenha revelado a importância da atuação de Agenor Soares de Moura como crítico e tradutor em um dos principais momentos da tradução no Brasil do século XX. Apesar de ter morado durante quase toda a sua vida em Barbacena, sua contribuição ultrapassou os limites do estado de Minas Gerais, a partir do momento em

que ele passou a trabalhar como crítico para o *Diário de Notícias* e como tradutor para a Editora Globo, ambos de Porto Alegre.

A avaliação das crônicas compiladas por Ivo Barroso forneceu não apenas uma comprovação a mais de que a maior parte dos tradutores da época era constituída por homens como também revelou o momento de entrada das mulheres nesse mercado de trabalho, que, aos poucos, parece ter sido dominado pelas mesmas. Da mesma forma, as crônicas mostram o grande número de escritores que realizavam traduções na época, fato este que se deveu principalmente à censura do DIP, que vinha proibindo publicações nacionais, e à não-profissionalização do ofício tradutório naquele período. Também as editoras citadas por Moura estavam entre as que mais publicaram traduções na década de 1940, e a maior parte das obras analisadas pelo crítico era de origem de língua inglesa, o que mostra a mudança ocorrida na língua de tradução, do francês para o inglês. Tal mudança ocorreu devido ao início da hegemonia cultural norte-americana, sendo a Segunda Guerra Mundial um fator decisivo para tal ocorrência.

Foi possível verificar, outrossim, a competência de Moura como crítico, pois, bem antes de haver uma sistematização sobre o raciocínio acerca da crítica de tradução, ele já colocava em prática muito do que posteriormente viria a ser aventado nessa área. Como exemplo, pode-se citar o fato de que Moura sempre justificava o motivo de não concordar com certas escolhas tradutórias, fornecendo uma solução que julgasse ser mais adequada para a passagem analisada. Além disso suas avaliações eram feitas a partir do cotejamento entre a tradução e o original. Tais atitudes constituem o que Katharina Reiss, em *Translation criticism — the potentials & limitations* (2000), defendeu serem os princípios básicos necessários para se fazer uma crítica de tradução, provando assim a competência e seriedade com que trabalhava Moura.

Verificou-se que Moura não só foi coerente em sua crítica, mas também foi ético em sua prática tradutória, já que teve o cuidado de, ao traduzir, levar em consideração aspectos particulares das línguas-fonte e alvo, o que, em suas crônicas, ele defendeu como sendo cuidados de importância crucial para o tradutor em sua tarefa.

É válido ainda ressaltar que a coluna de Moura no *Diário de Notícias* foi publicada em uma época na qual ainda não existia qualquer pensamento sistemático sobre tradução no Brasil. O primeiro livro a ser publicado no Brasil contendo considerações sobre o ofício

tradutório foi *Escola de tradutores*, de Paulo Rónai, datado de 1952. Assim, percebe-se que, antes mesmo de Rónai, houve um intelectual que se preocupou em estabelecer um raciocínio teórico sobre a tradução, mesmo que de forma pouco sistemática. Dessa forma, Moura, sem ter tal intenção, lançou as bases para o desenvolvimento de um pensamento acerca do fazer tradutório, colocando questões pertinentes que seriam desenvolvidas em outros momentos por intelectuais e estudiosos, como o próprio Rónai.

Referências

- Cambridge Advanced Learner's Dictionary* (2003). New York: Cambridge University Press.
- CAMPOS, Giovana Cordeiro (2004). *For whom the bell tolls, de Ernest Hemingway, e suas traduções no contexto brasileiro*. Dissertação de Mestrado, UFJF.
- CATFORD, John (1980) *Uma teoria lingüística da tradução: um ensaio de lingüística aplicada*. Trad. Centro de Especialização de Tradutores da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. São Paulo: Cultrix/Universidade Católica de Campinas.
- DE GRANDI, Celito (2005) *Diário de Notícias: o romance de um jornal*. Porto Alegre: L&PM. .
- DOYLE, Sir Arthur Conan (s/d) *Histórias de Sherlock Holmes*. Trad. Agenor Soares de Moura. São Paulo: Melhoramentos.
- _____ (s/d) *The adventure of the illustrious client*.
http://etext.library.adelaide.edu.au/d/doyle/arthur_conan/d75ca/illustrious.client.html.
 Acesso em 19/09/2006.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (2001) “The position of translated literature within the literary polysystem”. Lawrence Venuti (org.) *The Translation Studies reader*, 192-197. London: Routledge.
- Longman Dictionary of Contemporary English* (2003 [1978]). Harlow Essex: Longman Group.
- MENDES, Denise Rezende (2002) *Monteiro Lobato, o tradutor*. Monografia inédita de conclusão do Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês, UFJF.
- MICELI, Sergio (2001) *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.

- MORRIS, W. (1981) *The American Heritage Dictionary of the English Language*. Boston, Hough Mifflin Co.
- MOUNIN, Georges (1975) *Os problemas teóricos da tradução*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Editora Cultrix.
- MOURA, Agenor Soares de (2003) *À margem das traduções*. Ivo Barroso (org.). São Paulo: Arx.
- PAES, José Paulo (1990) *Tradução: a ponte necessária – aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Editora Ática S.A.
- REISS, Katharina (2000) *Translation criticism — the potentials & limitations*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- RÓNAI, Paulo (1952) *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: Cadernos de Cultura.
- VENUTI, Lawrence (1995) *The translator's invisibility: a history of translation*. London/New York: Routledge.
- VENUTI, Lawrence (2002) *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marleide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC.
- WYLER, Lia (2003) *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco.